

**ANARQUISMO, TRABALHO E SOCIEDADE.
LIVRO EM HOMENAGEM A JOÃO FREIRE**

ORGANIZAÇÃO

Luísa Veloso, Maria de Lurdes Rodrigues, Raquel Rego,
Maria Alexandre Lousada, Carlos Gonçalves e Cristina Rodrigues

APOIO TÉCNICO À EDIÇÃO

Sofia Rocha

EDITOR

EDIÇÕES ALMEDINA, S.A.

Rua Fernandes Tomás, nºs 76-80

3000-167 Coimbra

Tel.: 239 851 904 · Fax: 239 851 901

www.almedina.net · editora@almedina.net

DESIGN DE CAPA

FBA.

PRÉ-IMPRESSÃO

EDIÇÕES ALMEDINA, SA

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

PAPELMUNDE

Abril, 2017

DEPÓSITO LEGAL

424843/17

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva
responsabilidade do(s) seu(s) autor(es).

Toda a reprodução desta obra, por fotocópia ou outro qualquer processo,
sem prévia autorização escrita do Editor, é ilícita e passível de procedimento
judicial contra o infrator.

A adopção do Acordo Ortográfico ficou ao critério de cada autor.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

Apresentação: anarquismo, trabalho e sociedade 11

Luísa Veloso, Maria de Lurdes Rodrigues, Raquel Rego e

Maria Alexandre Lousada

PARTE I ANARQUISTAS E OPERÁRIOS

Hierarquia de ofício e associativismo operário no início de novecentos:
um caso de mutualismo vidreiro 21

Emília Margarida Marques

Anarquismo, violência e protesto popular durante a Primeira República
em Portugal 51

Paulo Eduardo Guimarães

A ação internacional das organizações sindicais portuguesas:
do marcelismo até 2006 81

Carlos Trindade

O “espírito de associação” em Portugal: dinâmica social e legislação
(1820-1926) 97

Maria Alexandre Lousada

Cidadãos e militantes: contribuição para as teorias da ação militante sindical	121	As pescas em Portugal no século XX: políticas públicas e mudança tecnológica	437
<i>Paulo Marques Alves</i>		<i>Álvaro Garrido</i>	
O lugar da democracia industrial no movimento sindical português	157	Economia social e solidária: experiências sobre uma "outra" economia	469
<i>Alan Stoleroff</i>		<i>Cristina Parente</i>	
O movimento da língua internacional Esperanto	191	PARTE IV ROTEIRO(S) DA(S) MEMÓRIA(S)	
<i>Sónia Apolinário</i>		As encruzilhadas da mobilidade	505
PARTE II VARIAÇÕES SOBRE O TEMA TRABALHO		<i>Catarina Sales Oliveira</i>	
Capitalismo e precarização do trabalho	239	Antropologia pública dos mundos policiais	525
<i>João Areosa</i>		<i>Susana Durão</i>	
Trabalho manual e trabalho intelectual: precariedade, dignidade e reconhecimento social	271	Setúbal libertária. Cinco passos ao encontro de João Freire	541
<i>Luísa Veloso</i>		<i>Luísa Tiago de Oliveira</i>	
Desemprego e precariedade dos diplomados universitários	301	Um país cansado de guerra: movimentações políticas de militares em África (1970-1975)	553
<i>Carlos Gonçalves</i>		<i>Ana Mouta Faria</i>	
Trabalho e ocupações em "paisagens sem sal"	335	PARTE V PESSOA COMUM NO SEU TEMPO	
<i>Inês Amorim</i>		João Freire e a revista "A Ideia"	573
As profissões e o interesse público	357	<i>António Cândido Franco</i>	
<i>Maria de Lurdes Rodrigues</i>		João Freire: o dilema da luta pela emancipação social e a razão científica	591
PARTE III ECONOMIA E SOCIEDADE		<i>José Maria Carvalho Ferreira</i>	
Reestruturação empresarial em Portugal durante a crise	387	O espírito profissional e a ilusão desencantada	619
<i>Raquel Rego</i>		<i>António Pedro Dorés</i>	
Cooperação transfronteiriça no eixo norte de Portugal-Galiza: o caso da indústria automóvel	415	João Freire: um homem paradoxal	633
<i>Paula Urze</i>		<i>Vitor Matias Ferreira</i>	

O fim da viagem é apenas o começo doutra <i>Cristina Rodrigues</i>	639
João Freire, o professor orientador <i>Isabel Rufino</i>	643
BIBLIOGRAFIA DE JOÃO FREIRE	655

INTRODUÇÃO

Apresentação: anarquismo, trabalho e sociedade

LUÍSA VELOSO, MARIA DE LURDES RODRIGUES, RAQUEL REGO E
MARIA ALEXANDRE LOUSADA

Este é um livro organizado em homenagem a João Freire. Um homem com invulgares qualidades e comprometido com o seu tempo. Não apenas “uma pessoa comum no seu tempo”.

Foi oficial da marinha, foi operário no exílio, foi professor e investigador, continuando a desenvolver atividades de investigação mesmo depois da aposentação. Foi campeão nacional de esgrima e manteve ao longo da vida a prática lúdica do desporto em contacto com as novas gerações. Desertou da Guerra Colonial e teve uma participação cívica e política em diferentes fóruns e instituições. Por onde passou deixou marcas. Sempre empenhado em construir à sua volta, envolvendo e desafiando aqueles que o rodeavam. Sempre disponível para refletir sobre as suas experiências, retirando delas todas as consequências. Sempre generoso na avaliação dos outros e atento ao efeito das suas ações. Sempre exigente consigo próprio no cumprimento de um código de ética baseado no equilíbrio dos valores da liberdade e da responsabilidade.

Enquanto professor, a sua atividade não se esgotou nas salas de aula. Envolveu várias gerações de alunos nos seus projetos de ensino e de investigação, renovando as práticas pedagógicas e os materiais de ensino, procurando as melhores formas de transmitir o conhecimento, de o difundir e de o tornar acessível.

Enquanto investigador, desenvolveu o seu trabalho científico com uma inovadora abordagem transdisciplinar, cruzando nos seus trabalhos de investigação os métodos e as técnicas, bem como os quadros teóricos da história, da sociologia e da antropologia. O pluralismo paradigmático e disciplinar, a abrangência dos temas, a diversidade das fontes e a profundidade dos estudos são as principais características do seu trabalho académico.

Porém, pode dizer-se que todas as suas outras experiências de vida e de trabalho tiveram intenso significado na sua vida, suscitaram-lhe profundas reflexões que enriqueceram o seu trabalho académico e de ensino. A experiência transformada em informação e conhecimento, a experiência compreendida e explicada, a experiência como património cognitivo. O livro “Homens em fundo azul marinho” é um exemplo desta sua capacidade.

Anarquismo, trabalho e sociedade são os três tópicos que organizam o seu legado intelectual, cujo traço principal é a combinação virtuosa da experiência, com a reflexão, a investigação, o ensino, a comunicação e o comprometimento.

Sobre o anarquismo. O anarquismo enquanto tendência ideológica do movimento operário, enquanto movimento de ideias e enquanto movimento social foi, e continua a ser, para João Freire um objeto de estudo constante, para além de o convocar como sujeito. A sua carreira de investigação iniciou-se precisamente nesse domínio, logo marcada por uma originalidade discreta e sólida que se manterá presente ao longo da sua vida académica. Afastando-se das perspetivas habituais que estudavam o movimento operário com base na história das ideias das diversas correntes ideológicas presentes nesse movimento, João Freire optou por um caminho conceptual e metodologicamente inovador: estudar a ideologia anarquista nas suas relações com as situações de trabalho e da atividade profissional, nas práticas organizacionais e nas atividades quotidianas e privadas. De facto, embora o seu trabalho – *Anarquistas e Operários em Portugal entre 1900 e 1940* – tenha um objeto empírico histórico, a investigação situa-se no quadro teórico e concetual da sociologia do trabalho. Ou como o próprio considera, no quadro da sociologia histórica do trabalho e das classes trabalhadoras.

Esta investigação, baseada no estudo de documentos integrantes do espólio de militantes e de organizações anarco-sindicalistas em Portugal,

dará origem à sua tese de doutoramento – defendida em 1988, publicada em 1992 em português e mais tarde em versões revistas em inglês e francês.

João Freire, ao mesmo tempo que estudava e investigava tendo em vista a elaboração da tese de doutoramento, desenvolveu um trabalho fundamental de recolha e preservação da memória do movimento anarquista. Recuperou documentos e outro material dispersos por antigos militantes anarquistas e operários e criou o Arquivo Histórico-Social (depositado na Biblioteca Nacional) que constituiu hoje um acervo imprescindível para o estudo da história do movimento operário português. Neste contexto, em 1987, organizou na Biblioteca Nacional a exposição sobre os Cem Anos de Anarquismo em Portugal (1887-1987) e ao longo das últimas décadas tem promovido a publicação de textos de natureza diversa da autoria de militantes anarquistas, muitos deles inéditos.

O estudo do anarquismo enquanto movimento singular que tinha por objetivo transformar a sociedade continuou a ser aprofundado por João Freire em artigos publicados tanto em revistas académicas como em publicações militantes, designadamente na revista *Ideia*, que fundou em 1974. Nestes trabalhos, analisa aspetos tão diversos como as juventudes sindicalistas, o naturismo, o neomalthusianismo ou a implantação territorial urbana. Esta última dimensão foi aliás o tema de um dos projetos que coordenou, desenvolvido em 2010-13, designado *MOSCA-Movimento social crítico e alternativo: memória e referência*.

Sobre o trabalho. Foi um objetivo presente em toda a sua obra compreender as questões do trabalho nas sociedades contemporâneas, nomeadamente em Portugal.

No início, João Freire explora os quadros analíticos da sociologia do trabalho, centrados no estudo do trabalho na indústria, organizando no ISCTE os primeiros cursos e publicando o primeiro manual de ensino – *Sociologia do Trabalho: Uma Introdução* – durante várias décadas, o único de origem portuguesa. A sociologia do trabalho, que ensina e desenvolve, integra as várias correntes de pensamento que se desenvolvem ao longo da segunda metade do Século XX. Funda-se na perceção da desigualdade estrutural de poderes e de posições inerentes às relações de trabalho assalariado na indústria, à divisão do trabalho e às condições de trabalho, constituindo o ponto de partida para compreender os efeitos de tais desigualdades ao nível individual, ao nível das organizações, mas também ao nível macro, da economia e da sociedade.

O estudo e análise da emergência do associativismo operário, dos conflitos de trabalho e das relações coletivas, permitem compreender a sua natureza e, simultaneamente, contribuir para a sua legitimação e institucionalização, para um progressivo equilíbrio de poderes, e para a fundamentação de políticas de distribuição de rendimentos. No mesmo sentido, o estudo e a análise das condições físicas e organizacionais do trabalho permitem compreender e explorar a possibilidade de novas formas de organização e divisão do trabalho e, simultaneamente, contribuir para a valorização social e dignificação do trabalho em geral e do trabalho na indústria em particular.

Progressivamente, as formas de organização do trabalho industrial alastraram e generalizaram-se nos serviços financeiros, na administração pública, no comércio, nos transportes e energia, nas comunicações, nos hospitais, nas escolas e em outros serviços. Esta generalização ocorre com as mesmas características estruturais de desigualdade e desequilíbrio de poderes, de certa forma, um pouco atenuadas no caso de administração pública. Simultaneamente, o trabalho assalariado, com variantes, tornou-se também a forma dominante, na organização da atividade económica em todos os sectores.

Porém este fenómeno de difusão não ocupou a sociologia do trabalho da mesma forma que o trabalho assalariado na indústria. Registou-se uma certa cristalização em torno de conceitos como o de proletarização e de sociedade pós-industrial que criaram mais opacidade do que clarificaram. Na viragem do Século, a sociologia do trabalho parecia ter esgotado o seu potencial explicativo dos fenómenos emergentes no mundo do trabalho.

João Freire, em 2014, no seu livro *Sociologia do Trabalho, um aprofundamento*, vem afirmar a atualidade da sociologia do trabalho e a indispensabilidade dos estudos do trabalho para compreender as sociedades contemporâneas. A tendência de recuo dos direitos do trabalho e da regulação do mercado de trabalho alterou o equilíbrio de poderes instituído, tornando mais atuais as velhas questões do trabalho assalariado, propondo a abertura das fronteiras da sociologia do trabalho a temas e autores que se consagraram em outros ramos da sociologia ou de outras áreas disciplinares como o Direito, a economia e a história.

Sobre a sociedade. Sempre em relação com o trabalho, João Freire desenvolve uma reflexão sistemática e rigorosa sobre vários temas que

atravessam as sociedades contemporâneas. O tema das profissões e do associativismo profissional evidencia um marco na sociologia portuguesa, atendendo ao papel central destas instâncias na regulação e estruturação da sociedade. A João Freire se deve por exemplo o primeiro levantamento exaustivo das associações profissionais portuguesas, bem como a análise dos modelos explicativos das suas estratégias de ação. Simultaneamente, com a preocupação em realçar a leitura sociológica, mas não restrita, da economia, propõe uma relação entre Economia e Sociedade, apresentando um retrato reflexivo sobre as principais transformações ocorridas em Portugal em vários domínios.

Na sua obra *Pessoa Comum no seu Tempo*, publicada em 2007, podemos encontrar uma reflexão exaustiva, rara e honesta da sua posição perante a vida, na esfera pública assim como na esfera privada. E não só sobre si próprio, como sobre várias instituições da sociedade portuguesa do “seu tempo”, reflectindo e dando contributos importantes para uma melhor compreensão do Portugal do pós guerra até aos nossos dias. João Freire continua hoje a prolongar o “seu tempo”, mantendo o seu olhar informado e crítico sobre a atualidade, postando, desde 2009, regularmente em aideialivre.blogspot.org.

Da mesma forma reflexiva e rigorosa, João Freire desenvolveu mais uma área de investigação em torno da marinha e da cultura militar. Iniciada em 2003, com a obra *Homens em Fundo Azul Marinho*, conta, desde então, com a publicação de numerosos artigos histórico-políticos, nomeadamente em revistas militares. Nos últimos anos, João Freire tem desenvolvido trabalho de investigação num novo tema – a história colonial. Sempre a partir de uma realidade próxima, que conjuga a sua experiência militar com a sua curiosidade histórica, tem vindo a contribuir para uma sociologia histórica da presença portuguesa em territórios coloniais, podendo estes trabalhos consubstanciar um quarto tópico no seu legado intelectual.

O livro que aqui se apresenta está organizado em cinco partes. Cada uma delas assumiu o nome do título de um livro de João Freire, reunindo trabalhos de colegas e ex-alunos de João Freire de diversos quadrantes e instituições e procurando dar visibilidade à extensão do seu legado.

A variedade de estilo e dimensão dos textos é grande. Alguns textos têm uma natureza científica, outros ensaística, e outros ainda são testemunhos pessoais. Os primeiros recorrem aos contributos teóricos

de João Freire ou decorrem de projetos coordenados por ele, havendo também artigos que se enquadram em áreas exploradas por João Freire. Em nenhum momento se pretendeu cobrir todas as áreas em que João Freire publicou, tal como não se buscou representar todos os que gostariam de lhe render homenagem.

No final do livro surge a lista exaustiva da bibliografia de João Freire até à data.

A *Parte I – Anarquistas e Operários* tem como referência a sua tese de doutoramento publicada em 1992 e é composta por sete textos que abordam, de um modo geral, o associativismo operário. Emília Margarida Marques conta-nos a história da associação mutualista de vidreiros *O Recurso do Operário* dedicada a uma categoria subordinada daquele ofício. Paulo Eduardo Guimarães aborda a ação de protesto violento durante a Primeira República. Carlos Trindade relata-nos as etapas da integração internacional do movimento sindical português. Maria Alexandre Lousada traça os ciclos do movimento associativo em Portugal até 1926, demonstrando que acompanha as grandes tendências europeias. Paulo Marques Alves sistematiza as formas de socialização conducentes ao militantismo sindical e Alan Stoleroff expõe o sentido de democracia industrial como um projeto de democratização das relações laborais, discutindo a sua aplicação ao movimento sindical português. Finalmente, Sónia Apolinário analisa o Esperanto como base de um movimento social, em relação com o movimento operário entre outros.

A *Parte II – Variações sobre o Tema Trabalho* recupera o título de 1997, no qual João Freire aborda a noção de trabalho, reunindo cinco textos escritos entre 1986 e 1993, como a sua “lição de síntese” para a obtenção do título de agregação em sociologia. Esta Parte II compreende seis textos, que vão da sociologia do trabalho à sociologia das profissões. O texto de João Areosa é uma reflexão sobre o trabalho à luz da flexibilidade e precariedade crescentes. Luísa Veloso propõe uma reflexão sobre a dualidade trabalho manual e trabalho intelectual, apropriando-se de uma expressão do domínio da sociologia do trabalho e fazendo uma abordagem com as tendências mais recentes da precariedade. Carlos Gonçalves apresenta um trabalho de investigação sobre a posição dos diplomados da Universidade do Porto no mercado de trabalho em 2014. Inês Amorim apresenta-nos uma análise histórica do marnoteiro e das salinas. Maria de Lurdes Rodrigues faz uma revisão dos conceitos chave da sociologia das profissões, dando conta também de tendências recentes da regulação europeia.

A *Parte III – Economia e Sociedade* reedita o título do livro de João Freire, de 2008, baseado na investigação que conduziu ao longo de cerca de duas décadas no domínio de uma sociologia da vida económica. Nesta Parte III, incluem-se quatro textos. Raquel Rego centra-se na nos dados, políticas e atores sociais envolvidos nos processos de reestruturação empresarial durante a crise. Paula Urze debruça-se sobre os desafios colocados às empresas multinacionais e em particular sobre uma rede transfronteiriça na indústria automóvel. Álvaro Garrido apresenta um trabalho sobre o sector das pescas desde o Estado Novo, considerando o Estado como agente fundamental embora não exclusivo na mudança tecnológica. Cristina Parente trata a economia solidária como uma forma alternativa de economia, ilustrando com três casos nacionais.

A *Parte IV – Roteiro(s) da(s) Memória(s)* aponta para a série de livros que João Freire publicou com Maria Alexandre Lousada, sobre os marcos de libertários em cidades como Lisboa e Setúbal. Nesta Parte, reúnem-se quatro textos que incidem sobre precisamente o espaço urbano e da memória. Catarina Sales Oliveira analisa a mobilidade e a forma como a sociedade se estrutura para dar resposta a esta necessidade através do sistema de transporte e do movimento *slow*. Susana Durão reflete sobre a recetividade do trabalho etnográfico a partir de uma experiência com instituições policiais. Luísa Tiago de Oliveira, através do relato de um trabalho académico, seu, sobre um pescador anarquista e antifascista, revela-nos como se cruzou com o trabalho de João Freire sobre a mesma figura. Ana Mouta Faria traça as dinâmicas políticas clandestinas de contestação que caracterizam o campo militar português na primeira metade de 1970.

A última secção, a *Parte V – Pessoa Comum no seu Tempo*, constitui uma referência às memórias de João Freire, publicadas em 2007. Aqui se incluem seis textos de autores que testemunham sobre a sua relação com João Freire. António Cândido Franco dá um contributo para a história da revista *A Ideia*, sobretudo para os seus primeiros anos, revelando o processo de “adesão” do seu fundador ao anarquismo. José Maria Carvalho Ferreira revela-nos o percurso militante comum com João Freire pela emancipação social quer em França quer em Portugal refletindo sobre a sua posição sobre o anarquismo e ainda sobre a sua dimensão científica. António Pedro Dorés assina um texto que analisa as qualidades morais e profissionais de João Freire do ponto de vista de um colega. Vítor Matias Ferreira faz um depoimento sobre o valor da amizade evidenciando as

suas facetas paradoxais. Cristina Rodrigues elenca o apoio de João Freire na preparação dos seus livros, dedicados à legislação do trabalho na Primeira República, à relação entre a OIT e Portugal durante o Estado Novo, etc... Isabel Rufino dá-nos nota da perspectiva de uma aluna de João Freire, por duas vezes, que no regresso à universidade aprofunda a sua relação com o professor.

João Freire e a revista “A Ideia”

ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO

Escola de Ciências Sociais, Universidade de Évora. Évora, Portugal

Para a historiografia do nascimento da revista e do seu primeiro grupo Não será por certo inútil fazer um dia uma história completa da revista *A Ideia*, ao longo das suas várias décadas de existência. A revista produziu uma considerável documentação, em fases muito distintas, sempre com uma qualidade de intervenção que justifica bem uma catalogação e uma interpretação de conjunto. A empresa é porém difícil e demorada, impossível de fazer em poucas linhas, já que a documentação é vasta e cobre mais de quatro décadas. Deixo aqui um contributo para essa obra geral, fazendo incidir em exclusivo a minha indagação no momento do nascimento da revista e no da formação do seu primeiro grupo, de modo a esclarecer a história deste primeiro período. São apenas dois anos, os que vão de 1974 a 1976, mas que exigem uma atenção ao período imediatamente anterior, que vai de 1968 a 1973, e até ao período posterior, de 1976 a 1979, já que nesses dois momentos se assiste por um lado ao lento surgimento do projecto e por outro à metamorfose do seu primeiro grupo. A fase de estreia da revista, centrada no seu primeiro número, confunde-se por inteiro com o seu fundador, João Carlos de Oliveira Moreira Freire, nascido em 1942, que assina João Freire, justificando uma atenção particular aos passos deste.

Na sua monumental autobiografia, *Pessoa Comum no seu Tempo* (2007), João Freire deixa, entrosadas nos acontecimentos da sua vida, extensas informações sobre o nascimento da revista *A Ideia*, como aliás sobre o seu ulterior desenvolvimento, pelo menos até ao aparecimento já no